

SANTOS, Leonardo Pinto dos; MENEZES, Victória Sabbado; PERES, Bruno Maciel; COSTELLA, Roselane Zordan. A geopolítica em sala de aula: uma plenária da onu como forma de se olhar as relações mundiais. In: ENCONTRO DE PRÁTICAS DE ENSINO DE GEOGRAFIA DA REGIÃO SUL, 2., 2014, Florianópolis. **Anais eletrônicos...** Florianópolis: UFSC, 2014. Disponível em: <http://anaisenpegsul.paginas.ufsc.br>>.

## **A GEOPOLÍTICA EM SALA DE AULA: UMA PLENÁRIA DA ONU COMO FORMA DE SE OLHAR AS RELAÇÕES MUNDIAIS**

Leonardo Pinto dos Santos  
Professor da Rede Estadual de Ensino do Rio Grande do Sul e Mestrando do Programa  
de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
e-mail: leonardoufsm@hotmail.com

Victória Sabbado Menezes  
Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul  
e-mail: vi145\_sm@hotmail.com

Bruno Maciel Peres  
Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul  
e-mail: bdaperes@hotmail.com

Roselane Zordan Costella  
Professora Adjunta da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande  
do Sul  
e-mail: ro.paulo@terra.com.br

### **INTRODUÇÃO**

O seguinte trabalho parte do pressuposto que “o conhecimento não é mais um estado, mas sim um processo” (OLIVEIRA, 2007, p.165). Para compreender este processo contínuo que nos acompanha do momento em que nascemos, ou mesmo no momento em que estamos no período de gestação e já respondemos aos estímulos externos até o momento de nossa morte é que precisamos cultivar um espírito de pesquisadores dentro do espaço da educação básica.

Ensinar e pesquisar são tarefas complementares que se fecundam mutuamente, sendo que a docência potencializa a pesquisa e a pesquisa melhora a docência. O bom professor é aquele que transforma sua prática e os resultados dela em matéria de reflexão. É por meio dessa reflexão que se inventam caminhos novos para o ensino e

por onde se constroem saberes necessários para se enfrentar os desafios impostos pelo cotidiano (BECKER; MARQUES, 2012).

Ao propormos uma prática pedagógica não estamos de modo algum propondo uma receita pronta, uma invenção da roda, mas uma atividade que dando resultados comprovados dentro da sala de aula pode e deve ser partilhada para ser utilizada em outros ambientes escolares.

Ao lembrarmos uma prática, uma ação pedagógica, pensamos sempre que atrelamos uma teoria a esta ação, não vemos como algo separado a teoria e a prática, mas sim coisas indissociáveis. Não persiste teoria sem prática, nem prática sem teoria, se uma dessas andarem sozinhas estamos fadados ao insucesso, em ações meramente contemplativas e inócuas.

Como Kaercher (2004, p.296) nos traz:

Uma das poucas certezas que podemos ter, no campo da docência, é de que a nossa graduação, a nossa formação inicial é, apenas, a nossa formação...inicial. Nos habilita legalmente a exercer a profissão, mas não nos forma. O processo de formação deve ser continuado. Só pode ensinar quem, permanente e humildemente, aprende.

Nesse trilhar é que se pensa em sempre refletir sobre nossa própria práxis docente, e também perceber as salas de aula como ambientes próprios para a pesquisa, este âmbito de pesquisa não pode nem deve se reter somente nas paredes da academia, os professores e professoras no seu convívio diário com os estudantes sempre devem manter o espírito questionador sobre o que vem ocorrendo para que se melhore a própria prática de se ensinar e para potencializar as próprias ações desenvolvidas juntos a este alunado sedento de conhecimento.

Dividimos o ideário de Marques (2005, p.11) que afirma que “[...] para mim, o saber é um alimento para o espírito e ser privada dele é tão sufocante quanto ser privada de ar ou de comida. Por mais que às vezes se escute o contrário, na minha experiência como professora, observo que o aluno, sempre, deseja saber”.

É permanecendo na humildade de um contínuo aprender que podemos ensinar, a esquizofrênica ideia de ser detentor da verdade, do conhecimento sem nada mais aprender é o caminho para ir matando socialmente nossos educandos, que ao não poderem ecoar suas vozes pelo ambiente escolar vão permanecer sentados em seus lugares sem exporem sua criatividade e sua gama de saberes construídos até o momento, nesse ritmo somente vamos sugando toda a vida destes educandos.

O educador que somente se apega ao ser professor sem ser pesquisador permanece produzindo um desserviço as jovens mentes que querem aprender, mas não o aprendizado tradicional de descrições inócuas que mantém somente um sentimento de inutilidade, como decorar todos os afluentes da margem esquerda do rio Amazonas. Eles e nós como educadores querem/queremos desenvolver leituras competentes do espaço para que possamos atuar em diferentes enfrentamentos produzidos pelo cotidiano, para que possamos em distintas realidades entender o que está presente nesse espaço geográfico que é o lugar ao qual travamos nossas relações.

Resaltamos sempre que não é somente o aluno que precisa ter uma leitura competente do espaço, ou seja, entender o espaço a partir de suas relações, o professor necessita compreender este espaço complexo para dialogar dele com seus educandos. Bem como Costella (2008, p.90) tece: “conhecer o que o aluno compreende do espaço é fundamental para falar sobre espaço para esse aluno”.

Assim, pensamos numa prática que não pretende dar respostas prontas, mas, ao contrário, abrir janelas de diálogos para que como docentes possamos compartilhar práticas que ficam muitas vezes enclausuradas em gavetas por escolas da educação básica nos mais distintos cantos destes brasis.

A sala de aula é um contexto fértil de investigação e um desafio ao professor que permanece tendo como norte o questionamento de como surge o conhecer no ser humano. Neste ínterim é que trazemos para a roda de diálogo uma prática desenvolvida em uma escola estadual de ensino fundamental localizada no município de Canoas no Rio Grande do Sul com duas turmas de nono ano.

A atividade desenvolvida possui como pressuposto uma encenação de uma plenária da Organização das Nações Unidas onde os educandos podem perceber como as decisões mundiais são estipulados de forma autoritária pelos países que detém as maiores reservas econômicas mundiais.

No nosso caminhar como professores-pesquisadores nos alicerçamos na teoria da epistemologia genética de Piaget (2012) para nossas reflexões que são pontos nevrálgicos - pelo menos ao nosso olhar - para uma boa docência. Pensamos que o que se faz junto às escolas precisa estar acompanhada de uma ação de o porquê se faz, e para isto é preciso uma teoria como basilar, no nosso caso essa tessitura teórica é composta pelas ideias de Piaget (2012).

Observamos neste corpo teórico um entrelace que nos revela que o processo de aquisição do conhecimento não se opera de uma hora para a outra e nem ocorre de forma linear para todos os indivíduos. Na verdade, o que ocorre é um processo, no qual o indivíduo vai construindo em tempos individuais próprios, obedecendo a cada um dos níveis cognitivos, saberes que o levarão a um patamar superior de conhecimento que os colocará em posição de serem homens e mulheres ciosos dos seus direitos, evitando a visão de uma sociedade perpetrada por um determinismo inelutável.

“Um dos traços mais característicos dos seres humanos é a sua capacidade para aprender” (DELVAL, 2012, p.115), assim sendo, propor uma série de desequilíbrios é uma das funções da Geografia e de nós professores das mais distintas áreas. É na hora que levamos os educandos a se reorganizarem mentalmente que estamos tendo o conhecimento, é abrindo para o diálogo que as interações se tornam mais fecundas, isso é que objetivamos com a plenária da ONU dentro do ambiente escolar.

Como já afirmava Moraes (2007, p.132) “onde há discussão há vida, onde há debate aflora o pensamento crítico, onde há polêmica há espaço para o novo, para a criação”.

O pensar deste trabalho está pautado na reflexão de ver o discente como um ser com experiências próprias e com uma gama de conhecimentos que podem e devem ser aproveitados pelos professores para se construir uma leitura competente do espaço.

Iremos desenvolver o raciocínio sobre duas práticas que de modo algum são modos revolucionários de se ver o ensino de Geografia, mas que ao desenvolver dentro de uma escola pública com alunos do ensino fundamental se mostraram benéficas para a construção do diálogo entre os discentes e entre os discentes com o professor.

Como Passini (2012, p.209) traz “aflige-nos perceber que você, professor, realiza trabalhos significativos, mas que ficam guardados nas gavetas, uma comunicação muda, sem divulgação, que paralisa o diálogo”.

Em nosso caminhar pelos ambientes escolares observamos que educadores das mais distintas áreas vem produzindo práticas que lhes dão um *feedback* interessante quando pensamos na construção do conhecimento, o que desmitifica um olhar perpetuado na academia que os educadores estão realizando tudo errado, despejando uma carga pesada nos docentes como se fossem eles os grandes culpados pelas dificuldades educacionais do Brasil.

Com a “ONU em sala de aula” preocupou-se em encontrarmos um modal para que o discente perceba as assimetrias que persistem entre os continentes nos âmbitos econômicos e demográficos, observando quando desigual é nossa sociedade em uma escala global.

## **METODOLOGIA**

Esta atividade foi adaptada dos escritos de Pike; Selby (2002) e possui como base quatro tabelas que simulam a distribuição demográfica (representada a partir dos alunos) e da riqueza (simulada pelas cadeiras), onde cada indivíduo representará tantos milhões de habitantes e as cadeiras os milhões de dólares que influem na economia de cada continente, esse número irá variar dependendo do número de alunos participantes.

A partir do poderio econômico, cada continente terá determinado tempo para divagar um discurso em uma “plenária da ONU”, o que repercute na reflexão dos discentes que observam que os continentes africano e asiático mesmo comportando grande parcela da população mundial, acabam por agregar pouco tempo de discurso frente à supremacia europeia e americana que dominam o tempo disponível de fala.

A prática pensada neste trabalho se moldou como um instrumento para que os alunos e alunas vão percebendo como o mundo é governado de forma anacrônica, já que ele não têm nada de democrático, mas sim, é governado por aqueles que detém o poderio econômico e militar no mundo.

Como os continentes de maior pobreza (quando falamos pobreza, estamos nos referindo em uma escala comparativa de economias, e de forma alguma a quesitos culturais, étnicas...) possuem menor tempo de fala e os grupos que representam os continentes da Ásia e África prepararam um discurso, se torna importante que o professor recolha os discursos construídos para avaliar para valorizar o esforço despendido pelos discentes destes grupos, ou mesmo, deixe eles falarem se sobrar tempo no final da atividade.

Durante a atividade, cada educando representará tantos milhões de habitantes e as cadeiras da sala de aula representará os milhões de dólares, onde tanto os estudantes como as cadeiras serão divididos pela sala de aula nos espaços representativos dos continentes de forma que representem as divisões demográficas e econômicas.

Então o primeiro passo é abrir espaço dentro da sala de aula e deixar no meio somente os alunos e alunas com suas respectivas cadeiras, para que com este espaço livre possamos a partir da tabela 2 dividir dentro da sala os continentes com suas respectivas cadeiras que estão ali para mostrar a disparidade econômica entre os continentes.

O interessante é que o professor force os alunos a ocuparem essas cadeiras, o que repercute em um momento de desconcentração, uma vez que, a Europa e América do Norte terá muitas cadeiras e poucos discentes, já a Ásia e a África terá muitos educandos e poucas cadeiras.

Assim está feito o caos!!! O continente asiático e africano terão que encontrar uma forma para que todos os sujeitos “ocupem” a riqueza do país, assim terão que sentar ou deitar um por cima dos outros, já no continente americano e europeu os educandos terão que realmente se esparramar para que nenhuma cadeira fique vazia sem alguma parte do seu corpo.

O caos a nosso ver nem sempre é algo negativo dentro da sala de aula, ele muitas vezes pode ser utilizado como ponto de partida para o processo de construção do conhecimento, como neste caso, onde os jovens acabam se atentando a atividade por não ser uma mera “ação verborrágica do professor” (KAERCHER, 2004, p.296).

Com o espaço aberto dentro da sala de aula, nos atentamos a tabela 2 e a tabela 3 para divisão dos continentes. O bom é que coloquemos placas ou simples folhas de ofício com o nome dos continentes e repartimos a sala para que os alunos possam a ocupar com suas cadeiras, assim fica mais fácil para a organização dos procedimentos que virão a seguir por parte do professor.

Então pedimos que todos os alunos coloquem suas cadeiras no meio da sala e fiquem de pé em um círculo, a partir desse ponto colamos as placas com os nomes dos continentes ao redor da sala e começamos a dividir os alunos e as cadeiras pautados nas tabelas que nesse ponto já estão coladas no quadro.

A partir da força econômica e sem levar em conta o número de habitantes, cada continente possui determinado tempo para expor um discurso criado pelo grupo de alunos, o que repercute na reflexão dos discentes que observam que os continentes com maior contingente populacional – África e Ásia – mesmo comportando grande parcela

da população mundial, acabam por agregar pouco tempo de discurso frente à supremacia europeia e americana que domina o tempo disponível de fala.

O interessante dentro do trabalho em grupo é dividir a turma pela chamada e não pelos “grupinhos”, para que se aja uma maior interação entre os colegas que formam a turma.

No âmbito do trabalho em grupo dentro do ambiente escolar pautamos nosso ideário nos estudos de Piaget (1996; 1998), onde se visa um espaço de discussão através do qual os sujeitos crescem a partir do diálogo e da cooperação.

Bem ao contrário do “trabalho em grupo” que vem sendo realizado dentro de parte das escolas onde os nossos educandos somente dividem as partes do trabalho a se fazer e depois juntam todas as partes, esse tipo de trabalho onde não persiste o diálogo não deve ser incentivado dentro da educação por não produzir nada além de algo inócuo para a própria construção do conhecimento. Essa forma de se trabalhar no coletivo não passa de mais de uma formalidade que nada agrega ao sujeito.

Como Piaget (1978, p.62) discorre “a escola ativa pressupõe ao contrário uma comunidade de trabalho, com alternância entre o trabalho individual e o trabalho de grupo, porque a vida coletiva se revelou indispensável ao desenvolvimento da personalidade, mesmo sob seus aspectos mais intelectuais”.

Nidelcoff (1985, p.73) complementa ao afirmar que:

Deve existir um esforço real de iniciar as crianças no trabalho em grupo e fazê-las progredir, através do trabalho coletivo, na idéia de responsabilidade e solidariedade. Por isso, começa-se a trabalhar em grupo dentro da escola (e não preparando aulas “por equipe”, fora da escola), pois é aí que podemos auxiliá-los e observar seu desenvolvimento.

A própria ação de embate entre as ideias dos nossos alunos se mostra válido para o processo de ensino-aprendizagem, é na tentativa de convencimento de um sobre o outro que o estudante potencializa a utilização de argumentos para convencer o colega que pensa de forma diferente.

Pensando em se trabalhar em grupo pelo viés piagetiano, é que desenvolvemos o seguinte trabalho que pautado em quatro tabelas é uma prática de fácil utilização dentro do ambiente escolar.

A tabela 1, refere-se ao panorama geral das divisões realizadas por nós, é a partir dela que os alunos e alunas podem visualizar a divisão populacional mundial e a riqueza dos continentes a partir da divisão de renda que aqui é representada pela renda per

capita em dólares. Nesse momento, já é possível visualizar quando desigual é a nossa sociedade.

Com essa primeira tabela é importante dar um ressaltado com os alunos para que eles compreendam quantos somos no mundo, algo que muitas vezes fica em meras abstrações de milhões pra cá e centenas ali. É importante o professor destacar o número de habitantes na Ásia e na África em contrapartida a América do Norte, por exemplo.

Tabela 1 – Panorama geral dos continentes para a atividade

<b>Continentes</b>	<b>População (Números de Habitantes)</b>	<b>Renda Per Capita (\$US)</b>
<b>Europa</b>	732	16356
<b>África</b>	924	1063
<b>América Latina e Central</b>	566	2910
<b>Ásia e Oceania</b>	4002	13188
<b>América do Norte</b>	332	14514
<b>Total</b>	6556	48030

A tabela 2 nos auxilia na divisão das cadeiras entre as cinco divisões que fizemos com os estudantes pela sala. Nesta tabela teremos o número de cadeiras representando X milhões de dólares e o número de cadeiras irá variar dependendo do número de estudantes que teremos na sala de aula.

Nesse momento é importante que o professor instigue seus alunos a de alguma forma ocuparem todas as cadeiras destinadas a suas áreas. Além de ser um momento de desconcentração com a turma, é uma forma dos colegas fora dos “grupinhos” interagirem para que de algum jeito eles estejam ocupando a cadeira, o que proporciona risos principalmente no continente asiático onde há muitos alunos e poucas cadeiras.

Se tivermos menos de vinte e dois alunos participando da atividade, recomendamos proporcionar uma cadeira ao continente africano para que durante as



atividades os alunos que representam este continente não precisam ficar todo o tempo em pé, além de ser uma forma de se aumentar a interação no momento em que os alunos devem ocupar toda sua “riqueza”, aqui representada pelas cadeiras.

Tabela 2 – Tabela para distribuição das cadeiras (renda)

<b>Número de participantes</b>	<b>Europa</b>	<b>África</b>	<b>América Latina e Central</b>	<b>Ásia e Oceania</b>	<b>América do Norte</b>	<b>1 cadeira representa (milhões de dólares)</b>
12	4	0	1	3	4	4002
13	4	0	1	4	4	3695
14	5	0	1	4	4	3431
15	5	0	1	4	5	3202
16	5	0	1	5	5	3002
17	6	0	1	5	5	2825
18	6	0	1	6	5	2668
19	6	0	1	6	6	2528
20	7	0	1	6	6	2401
21	7	0	1	6	7	2287
22	8	0	1	6	7	2183
23	8	1	1	6	7	2088
24	8	1	1	7	7	2001
25	9	1	1	7	7	1921
26	9	1	2	7	7	1847
27	9	1	2	7	8	1779
28	9	1	2	8	8	1715
29	10	1	2	8	8	1656
30	10	1	2	8	9	1601

A tabela 3 servirá para a divisão do número de alunos por região. Neste momento cada estudante estará representando X milhões de habitantes, número que irá variar dependendo do número de alunos participantes da atividade.

Neste momento é que destacamos não deixar que os estudantes se dividam pelas afinidades, ao nosso ver é sempre bom tirar os jovens de suas zonas de conforto, e trabalhar sempre com os mesmos colegas é uma destas zonas ao qual eles acabam se acomodando.

Pensamos que devemos sempre buscar o desequilíbrio do nosso aluno, para que se sintam fora do prumo e tenha que se obrigar a buscar novas formas para se equilibrar novamente.

Deixamos claro que você professor e professora pode adaptar essa atividade a sua realidade, já que cada educador conhece melhor que ninguém o seu público, por isso mesmo de termos colocados que nossa pretensão nunca foi propor uma receita de bolo ou algo estanque.

Dividimos com Kebach (2012, p.49) a afirmativa que “[...] ensinar não consiste nem em aplicar cegamente uma teoria, nem em se conformar com um modelo. É, antes de tudo, resolver problemas, tomar decisões, agir em situações incertas e seguidamente urgentes”.

É o educador na apreensão da realidade do aluno e da escola que entende as melhores formas de se desenvolver suas ações pedagógicas.

Como bem colocado por Piaget (1978, p.61) “o objetivo da educação intelectual não é saber repetir ou conservar verdades acabadas, pois uma verdade que é reproduzida não passa de uma semiverdade”. Essa premissa serve para o educador que busca na literatura existente novas ações para sua própria prática, não é repetindo meramente uma ação que conseguiremos os resultados desejados.

Sendo importante que depois da prática seja feita uma reflexão por parte do professor para que veja onde decorreu as melhoras qualitativas no processo e onde se deu os piores ganhos para o ambiente de sala de aula.

Tabela 3 – Tabela para distribuição dos educandos (população mundial)

<b>Número de participantes</b>	<b>Europa</b>	<b>África</b>	<b>América Latina e Central</b>	<b>Ásia e Oceania</b>	<b>América do Norte</b>	<b>1 participante representa (milhões de habitantes)</b>
12	1	2	1	7	1	546
13	1	2	1	8	1	504
14	1	2	1	9	1	468
15	2	2	1	9	1	437
16	2	2	1	10	1	410
17	2	2	1	11	1	386
18	2	2	1	11	1	364
19	2	3	2	11	1	345
20	2	3	2	12	1	328
21	2	3	2	13	1	312
22	2	3	2	14	1	298
23	3	3	2	14	1	285
24	3	3	2	15	1	273
25	3	4	2	15	1	262
26	3	4	2	16	1	252
27	3	4	2	17	1	243
28	3	4	3	17	1	234
29	3	4	3	18	1	226
30	3	4	3	18	2	219

A quarta e última tabela, surge para representar a divisão do tempo de fala das divisões realizadas por nós. Este é outro momento de descontração, principalmente quando a fala é propiciada ao continente africano que possui um tempo de fala quase nulo.

Neste momento é interessante pedir aos alunos desenvolverem os discursos a serem apresentados oralmente na frente dos colegas em uma folha para entregar, já que não teremos possibilidade de avaliar os argumentos construídos pelo grupo de alunos “africanos”.

No papel serão colocados motivos pelos quais o seu continente deve receber a atenção da Organização das Nações Unidas. Podemos afirmar para os estudantes que a ONU possui X bilhões de dólares a serem investidos em escala mundial, e o dinheiro será enviado às áreas que demonstrarem melhores argumentos perante o grupo maior.

Pode ser interessante combinar com o grupo que a divisão do dinheiro será realizada no consenso entre professor e estudante e entre os próprios estudantes, assim temos um ponto para discussão da atividade dentro do coletivo, e podemos mais uma vez fazer com que os estudantes discutam entre si e conosco, tentando convencer as causas do porque a verba deveria ser direcionada a tal continente.

Observamos que este é um momento de ganhos para a prática, os estudantes ao serem instigados dentro do coletivo acaba por propiciar ganhos para o processo de ensino-aprendizagem.

Tabela 4 – Tabela para distribuição do tempo

<b>Número de participantes</b>	<b>Europa</b>	<b>África</b>	<b>América Latina e Central</b>	<b>Ásia e Oceania</b>	<b>América do Norte</b>
12	153	1	38	16	153
13	152	1	38	19	152
14	113	1	45	20	181
15	101	1	40	18	201
16	101	1	40	16	202
17	114	1	38	19	189
18	121	1	20	18	201
19	109	1	18	15	218
20	121	1	17	14	207
21	120	1	17	16	206
22	110	1	16	14	220
23	88	11	16	14	231
24	88	11	16	14	230
25	85	7	28	13	226
26	85	7	28	12	227
27	85	7	28	12	227
28	92	7	28	13	221
29	88	7	18	12	237
30	131	10	26	17	176

## RESULTADOS FINAIS

Esta atividade se demonstra benéfica por tirar o estudante de seu habitual, ao dar voz aos alunos e se mostram interessados pelo processo a ser desenvolvido dentro da sala de aula. Aquela ideia do educador dono do saber a ser despejado nos educandos não persiste nessa atividade, que além de demonstrar as forças políticas do mundo, nos possibilita desenvolver o poder de argumentação dos nossos alunos e alunas.

Ela ainda se mostrou de grande valia por ser uma atividade que não desprende maiores gastos pelos professores, uma vez que, o material usado são materiais disponíveis na própria escola.

A participação dos alunos se mostrou válida, mesmo superando nossas expectativas iniciais. O ideal é que os próprios discentes vão organizando a atividade, sendo nosso papel primordial somente se a confusão sair do normal, o que é possível, ou mesmo nos momentos de dúvida dos educandos. Sendo que em uma aula de dois períodos um tempo razoável para o desenvolvimento da atividade.

## REFERÊNCIAS

BECKER, Fernando; MARQUES, Tania Beatriz Iwaszko (Org.). **Ser professor é ser pesquisador**. 3.ed. Porto Alegre: Mediação, 2012.

COSTELLA, Roselane Zordan. **O significado da construção do conhecimento geográfico gerado por vivências e por representações espaciais**. 2008. 202 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

DELVAL, Juan. Aprender investigando. Tradução de Fernando Becker e Tania Beatriz Iwaszko Marques. In: BECKER, Fernando; MARQUES, Tania Beatriz Iwaszko (Org.). **Ser professor é ser pesquisador**. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2012. p.115-128.

KAERCHER, Nestor André. Pra viajar no cosmos não precisa gasolina: o ensino do Rio Grande do Sul na geografia e as transformações espaciais. In: VERDUM, Roberto;

BASSO, Luis Alberto; SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes (Org.). **Rio Grande do Sul: paisagens e territórios em transformação**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. p. 295-310.

KEBACH, Patrícia Fernanda Carmen. O professor construtivista: um pesquisador em ação. In: BECKER, Fernando; MARQUES, Tania Beatriz Iwaszko (Org.). **Ser professor é ser pesquisador**. 3.ed. Porto Alegre: Mediação, 2012. p.43-54.

MARQUES, Tania Beatriz Iwaszko. **Do egocentrismo à descentração: a docência no ensino superior**. Porto Alegre. 2005. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia: pequena história crítica**. 21. ed. São Paulo: Annablume, 2007.

NIDELCOFF, María Teresa. **Uma escola para o povo**. Tradução João Silverio Trevisan. 30. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

OLIVEIRA, Livia de. Uma leitura geográfica da epistemologia do espaço segundo Piaget. In: VITTE, Antonio Carlos (Org.). **Contribuições à história e à epistemologia da geografia**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p.163-188.

PASSINI, Elza Yasuko. **Alfabetização cartográfica e a aprendizagem de geografia**. São Paulo: Cortez, 2012.

PIAGET, Jean. **Para onde vai a educação?** Tradução de Ivette Braga. 6. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1978.

\_\_\_\_\_. O Trabalho por equipes na escola: notas psicológicas. Tradução Luiz G. Fleury. In: **Revista psicopedagogia**. São Paulo: v. 15, n. 36, p. 14-20, maio. 1996.

\_\_\_\_\_. Observações psicológicas sobre o trabalho em grupo. In: PARRAT-DAYAN, Silvia; TRYPHON, Anastasia (Org.). **Jean Piaget: Sobre a Pedagogia** textos inéditos. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998. p. 137-151.

\_\_\_\_\_. **Epistemologia genética**. Tradução Álvaro Cabral. 4. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

PIKE, Graham; SELBY, David. **Educação global: a sala de aula global**. São Paulo: Textonovo, 2002. 3 v.